

Argélia: uma dinâmica de crise pré-revolucionária

O movimento de 22 de Fevereiro, prolongado pelas manifestações de 1 e sobretudo de 8 de Março, constitui uma ruptura com um período de desencanto e pessimismo dos movimentos sociais, do mundo do trabalho, dos intelectuais e das forças vivas da sociedade argelina, tais como os jovens e as mulheres. Abre-se um novo leque de possibilidades e torna-se possível uma ruptura com um regime político autoritário, predatório e caciquista.

Uma inflexão

Desde Outubro de 1988 temos acumulado derrotas políticas. Derrota para o islamismo que, entre 1988 e 1993, soube capitalizar a radicalidade social emergente na sociedade, a dos pobres e dos trabalhadores, usando um populismo religioso acentuado e a insolência contra o poder admirado. O resultado foi um retrocesso das forças democráticas e de esquerda ceifadas mais tarde pela década negra, em que os islamistas vão declarar guerra ao governo, mas também à militância política anti-islamista, especialmente contra intelectuais, sindicalistas e mulheres.

Derrota também para um sistema político que ganhou “credibilidade” durante algum tempo jogando com o perdão e a reconciliação nacional, aproveitando a bonança da renda petrolífera para construir dois milhões de casas e o grande projeto da rodovia leste-oeste, assim como mega-infraestruturas no país. Assim, Buteflika, levantando-se das cinzas de uma Argélia queimada e arruinada, jogará para ser o homem providencial e enganar parte da população. Enquanto isso, seu regime aumentou os ataques contra as liberdades democráticas, bloqueou o campo político e associativo, fez da corrupção um elemento sistêmico e aplicou à vontade políticas

em linha com a globalização neoliberal.

Estas derrotas não esmagaram as lutas, mas colocaram as forças sociais e o mundo do trabalho na defensiva. Nesta perspectiva, o movimento popular iniciado em 22 de fevereiro foi um ponto de clivagem, uma ruptura. Altera o equilíbrio de forças e liberta as lutas e a ação popular contra o regime político pró-neoliberal, corrupto e antidemocrático.

Magia popular

Esse movimento começou com uma ação quase moral, denunciando a imoralidade do clã presidencial em apresentar um presidente idoso, doente, aleijado e sem palavras desde 2013. O movimento rapidamente assumiu uma diversidade popular, nacional e inimaginável. A manifestação do dia 8 de março foi o auge desta magia popular onde a fraternidade, a presença maciça de mulheres, a civilidade dos jovens e também os slogans políticos cheios de humor marcaram o dia 8 de março. É especialmente uma grande manifestação pelo número e seu colorido, a maior desde a independência!

A característica deste movimento é a participação de forças sociais, redes de jovens ativistas, mulheres e até mesmo famílias, estudantes e seus professores, comerciantes, que têm respondido bem ao chamado para uma greve geral e até mesmo empregadores que têm contas pendentes com o clã Buteflika e a forma seletiva com que tem distribuído as receitas do petróleo durante seu reinado de 20 anos. A classe operária, embora presente nos protestos, só reagiu ao início do movimento em algumas cidades e empresas. A UGTA, demasiado ligado à Buteflika através do seu Secretário-Geral Sidi Said, fez tudo o que estava ao seu alcance para impedir a participação dos sindicatos e dos trabalhadores, apoiando-se numa burocracia de cima para baixo e corrupta. Os sindicatos independentes, que ainda têm pouca presença nas empresas, não têm a representatividade que lhes permita mudar o rumo das coisas.

Dito isto, a partir de 1 de Março, as empresas começam a participar no movimento e a iniciar greves e protestos sentados, seguindo o exemplo dos trabalhadores portuários, das subsidiárias da Sonelgaz e mesmo de algumas administrações públicas como o CNAS (Segurança Social) ou dos trabalhadores universitários. Continua a ser um movimento fragmentado na medida em que as principais empresas industriais que concentram a maioria dos trabalhadores manuais não se deslocaram, tais como El Hadjar em Annaba, a zona industrial de Rouiba (Argel) e os trabalhadores da Sonatrach no Sul. Isto representa centenas de milhares de trabalhadores e setores estratégicos e determinantes na configuração da classe trabalhadora argelina. A convergência dos trabalhadores com este movimento de protesto popular, através da greve geral em particular, poderia mudar muito rapidamente o equilíbrio de poder e promover o fim do regime, a auto-organização e a implementação de uma transição sob controle operário e popular.

As manobras maquiavélicas do poder

O anúncio na segunda-feira à tarde da retirada da candidatura de Bouteflika para um quinto mandato e o adiamento das eleições, acompanhado de uma mudança de governo e de uma conferência nacional, devem assegurar a transição para uma “nova república”, foi considerado pelos argelinos como um perjúrio para dar tempo a uma fórmula que garanta uma mudança indolor para o clã presidencial e para a burguesia oligárquica que o conduzirá. Embora a regressão do clã governante seja real e o movimento popular tenha tido sua primeira vitória simbólica, o que reflete que é nas lutas onde as linhas de um regime opaco podem ser questionadas, a armadilha do regime, que usa todos os truques para apaziguar a raiva popular, já é percebida como tal por aqueles que, através das redes sociais, desempenham o papel de atores e dirigentes desse movimento. A classe política e a oposição, questionadas desde o início por este movimento, também rejeitam este cenário Buteflika.

Nesta perspectiva, a manifestação de sexta-feira, 15 de março, será fundamental para o surgimento de uma maior determinação ou será o início de um refluxo no movimento popular. Se as manobras maquiavélicas de poder são reais, a inventividade do movimento popular e seu radicalismo auguram uma dinâmica de crise pré-revolucionária que sem dúvida levará tempo, mas que aponta para uma nova Argélia, a que vira as costas aos ditames dos predadores e oligarcas da máfia.

Original: [NPA](#)